

12/4 DEP LEG
H.1.

12947112

TRADIÇÕES PORTUGUESAS

DE ORIGEM
POSSIVELMENTE MUÇULMANA



POR

P. 83909

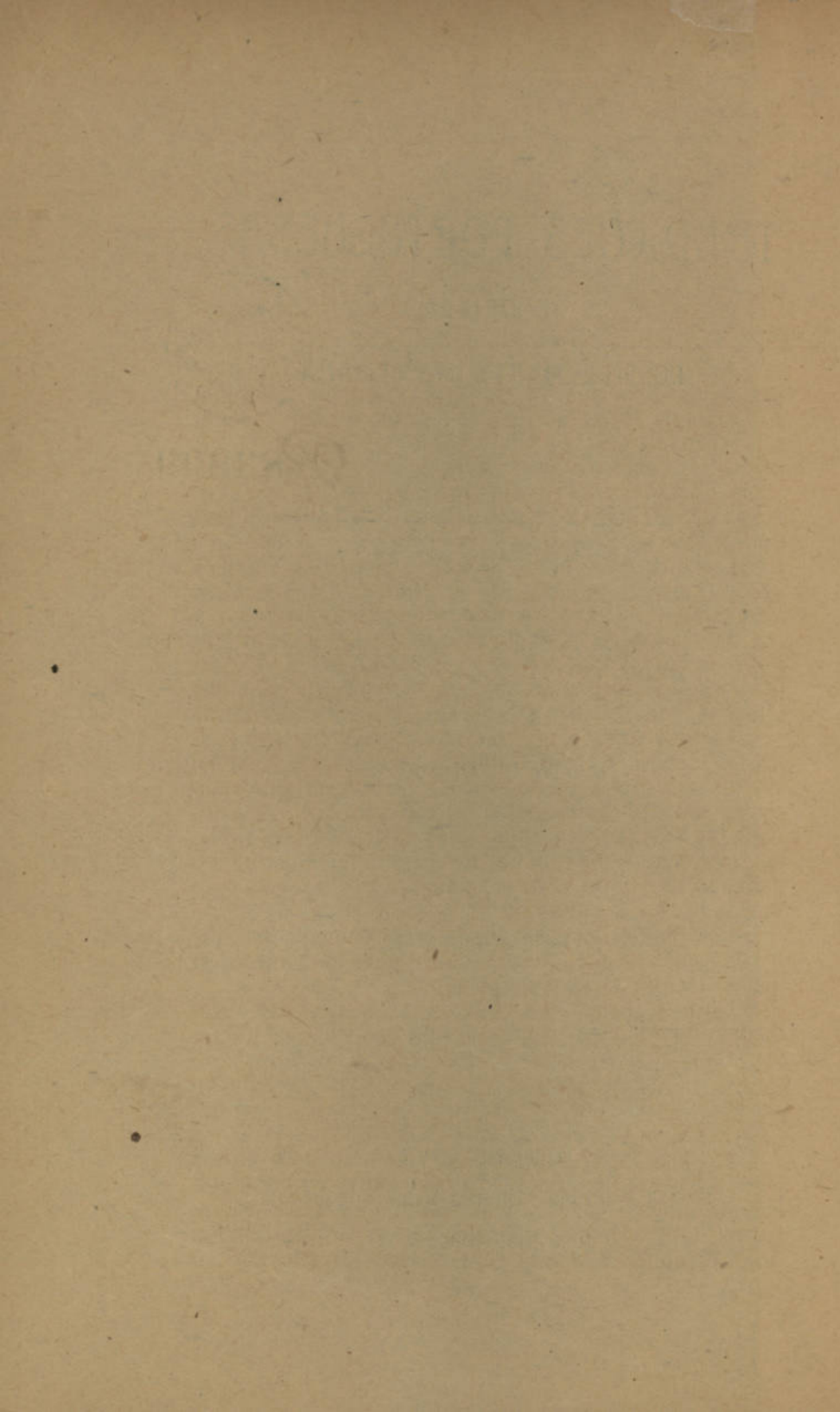
J. A. PIRES DE LIMA

Professor da Faculdade de Medicina do Pôrto

SEPARATA
DA
«REVISTA DE GUIMARÃES»

Guimarães — 1922
Tipografia Minerva Vimaranense
R. de Santo António, 133

2



A. 923
2. *ew*

A religião muçulmana, prègada por Maomé em princípios do século VII da nossa era, teve tão rápida e tão ampla expansão que, cem anos depois, a Península Hispânica era invadida pelos Sarracenos. O território que hoje constitui Portugal esteve 500 anos sob o seu domínio, e só no fim do século XV, após a conquista de Granada, é que o poderio muçulmano acabou de vez na Península.

Durante êsse longo período, Cristãos e Mouros não estavam completamente separados. Em território do califado viviam numerosos Mosárabes, mantendo a sua crença cristã; muitas vezes se celebraram alianças entre chefes cristãos e mouros, e, depois da reconquista, muitos Muçulmanos ficaram vivendo ao lado dos Cristãos, conservando as suas crenças e costumes.

No povo português, mesmo nas mais humildes camadas, persistem vivas tradições relativas aos Mouros.

O elemento sarraceno tem considerável importância na constituição do povo português. Teem-se estudado os vestígios da língua árabe no nosso vocabulário, mas parece-me que não se teem confrontado devidamente as lendas e as superstições portuguesas com as dos nossos vizinhos de Marrocos.

Pela leitura que fiz do Alcorão, convenci-me que o Islamismo exerceu no povo português uma influência maior do que geralmente se supõe.

Neste trabalho vou comparar certas lendas e tradições portuguesas com passagens semelhantes do Livro Santo dos Árabes. Parece-me que, ao menos algumas daquelas, deverão ter sido criadas por influência islamítica.

I — *Auxílio celeste em batalhas* — No período heróico da nossa história, por vezes o êxito dos combates era attribuído a um auxílio do Céu. A batalha do Salado (1340) terminou por uma tão espantosa derrota dos Muçulmanos, que alguns historiadores levaram o

caso à conta de milagre. Pedro de Mariz ⁽¹⁾ recolhe a versão de terem morrido duzentos ou até quatrocentos mil infiéis, ao passo que, da parte dos Cristãos, apenas haveria vinte e cinco mortes. O facto dar-se-ia, refere Mariz, «porque affirmáraõ logo os Mouros, que contra elles se mostrou vencedora huma grande companhia de homens divinos, fazendo nelles muito estrago, em favor dos christãos.»

A análoga intervenção se attribuíra já a tomada de Alcácer (1217). Da emocionante narração de Herculano ⁽²⁾ transcrevo os seguintes períodos: «O reflexo metálico das armas e armaduras ia bater nos olhos dos infiéis e dava ao pequeno exercito portuguez uma apparencia que lhe accrescentava as dimensões. Ou fosse effeito do mesmo reflexo dos ferros pulidos e dos dourados escudos que multiplicavam a torrente da luz oriental ou fosse o excitamento religioso, capaz de hallucinar ainda outra vez os espiritos, os combatentes, ao travarem-se com os mussulmanos, creram ver no ar um tropel de cavalleiros vestidos como os templarios que tambem feriam os inimigos.»

«Perseguidos por espaço de dez milhas pelos christãos, tres dias durou a carnificina, e dous walis, o de Cordova e o de Jaen, ficaram entre os mortos. O calculo que destes se fez montava de quatorze a quinze mil, afóra um sem numero de prisioneiros, os quaes, ou para lisongearem seus senhores ou para se desculparem perante a propria consciencia de tão vergonhosa róta, ouvindo falar do auxilio dado aos christãos pelos cavalleiros aerios, asseveraram tê-los igualmente visto e experimentado a sua furia, o que não podia deixar de fortalecer a fé viva da soldadesca na decisi-va protecção divina.»

Este auxilio divino à expansão do Reino de Portugal é deveras comparável ao que receberia Maomé na batalha de Bedr, contra os Coreichitas (624); em

⁽¹⁾ *Pedro de Mariz* — Dialogo de varia historia, I, Lisboa M.DCC.XLIX.

⁽²⁾ *A. Herculano* — Historia de Portugal — Septima edição, 1915, T. IV, pág. 90 e 91.

socorro da nascente religião enviou Deus um exército de anjos, conduzidos pelo Anjo Gabriel (1).

II — *Oração antes do combate* — Ao romper a batalha de Bedr (2), Maomé estava numa cabana dirigindo preces fervorosas a Deus. Só quando a acção se generalizou, é que o Profeta safu da cabana, juntando-se às tropas, que venceram o inimigo.

E' parecida a attitude de Maomé com a do nosso Santo Condestável na batalha de Valverde.

Diz a crónica (3): «e elle se pos em giolhos antre huãas pedras a resar e a louuar a Deos como era seu costume. E estando asy rezado porq as pedras e as setas eram muytas q vinhã da parte dos castellaãos toda a gente sua lhe braadauua que fezesse andar por diãte sua bandeira nõ os leixasse asy morrer: e ajnda da guarda veeo a elle Gõçalleaõs d'Abreu que em ella hya cõ o priol do Spitrall a lhe pidyr por mercee que fezesse andar a bandeyra que a gente nom podia mays soffrer. A todas estas cousas o Condeestabre nom respondya: nê nenhũa mudãça ante mostrava o mayor assego do mûdo: e sem nenhuũ cuydado: e todauia entento em rezar e louuar a Deos. E tanto q acabou de rezar: logo rrijamente se aleuantou donde estaua em giolhos com gesto muy ledõ. E mandou logo a Diego Gill seu alferez que andasse com a bandeyra e aas gentes dabêgarda que andasse rrijamente. E elle foy sempre ante a bandeyra».

III — *O Monge e o Passarinho* — Muito divulgada está na nossa literatura a graciosa lenda — «O Monge e o Passarinho», de que tiraram tanto partido, entre outros, o P.º Manuel Bernardes e recentemente Eugénio de Castro e Correia de Oliveira.

Sobre a origem dessa lenda appareceram, não há muito, dois eruditos estudos, dos Srs. Professores Lei-

(1) Le Koran — trad. nouv. faite sur le texte arabe par Kasimirski, Paris 1873 — pág. XVIII; III, 11 e nota 2; III, 118-121 e nota; 137 nota 2; VIII, 6 nota 2, e 9; IX, 26.

(2) *Idem.*

(3) Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira, ed. de Mendes dos Remedios, Coimbra 1911 — Cap. LIV.

te de Vasconcelos ⁽¹⁾ e José J. Nunes ⁽²⁾. Enquanto que este último a considera de origem medieval, o Sr. Prof. L. de Vasconcelos julga-a derivada da «Lenda dos Sete Dormentes», atribuindo-lhe uma filiação muito mais remota, e dizendo que ela nasceu «entre os seccos areas dos desertos da Asia».

Ambos os trabalhos são abonados em rica bibliografia que, aliás, não é completa. Não vejo em qualquer desses trabalhos citada a poesia de Wolfgang Müller (O Monge de Heisterbach), nem a versão sueca mencionada no *Magasin Pittoresque* de 1852, pág. 177.

Também nenhum daqueles ilustres investigadores cita o Alcorão, que em mais de uma passagem se refere aos Sete Dormentes, ou a outras lendas semelhantes ⁽³⁾. O capítulo XVIII do livro sagrado dos Muçulmanos intitula-se «A Caverna», por se referir ao lugar onde estacionaram os Sete dormentes de Efesô.

Acêrca desse loígo e misterioso sono foi um dia interrogado Maomé, que prometeu responder no dia seguinte. Deixou, porém, de dizer — «se Deus quiser!» — Como castigo por este esquecimento, a revelação fêz-se esperar alguns dias. E' por isso que o Alcorão (XVIII, 23) aconselha — «Nunca digas — Farei tal coisa amanhã, — sem acrescentar: — se fôr vontade de Deus.» —

E' curioso confrontar este passo com o modo de falar da gente do Minho. Conheço muitas pessoas, profundamente crentes, que nunca anunciam qualquer acto que tenham de praticar, por mais banal que seja, sem acrescentarem: «Se Deus quiser...». Uma simples despedida — «Até logo, até amanhã, até outra vez,» é invariavelmente seguida da frase: «Se Deus quiser...».

IV — *Dama pé-de-cabra* — Ao Nobiliário do Conde D. Pedro foi Herculano buscar os principais ele-

⁽¹⁾ *Leite de Vasconcelos* — Poesia e Ethnographia (*Revista Lusitana*, VIII, 1903-1905).

⁽²⁾ *José Joaquim Nunes* — Uma lenda medieval — O Monge e o passarinho (Academia das Ciências de Lisboa — *Boletim da Segunda Classe*, XII, 1919).

⁽³⁾ Alcorão, ed. cit., II, 201; IX, 30, nota 3; XVIII, *passim*.

mentos para elaboração da sua lenda da Dama pé-de-cabra. Como já tive ensejo de dizer ⁽¹⁾, encontrei uma variante manuscrita dessa lenda. E' a história de Maria Alva, que vivia numa tôrre que existiu na vila de Marialva. Era uma mulher «muito fermosa e tinha pés de cabra, e chamava os homés e dormia có elles e despois os lácava em hú poço porq' lhe naó desco-brissé os defeitos dos pés. E entrando hú a embebedou, e lhe tomou hú anel e se veo có elle e mostrando o aos guardas o deixaráo sahir (porq' lhes tinha ella dado ordé q' não deixassem sahir senáo qué lhe mostrasse o d.º anel). E achando ella o anel menos sahio sobre as ameas e lhe disse

Já tu lá vas?
De q' agora te ires gabar?

E elle respondeo

a quantos eu vir e achar.

e ella lhe disse

Pois olha p.^a tras
q' de mim verás
mas pezar

E se lançou da Torre abaixo e morreu.»

Segundo se depreende do Alcorão ⁽²⁾, a Rainha de Sabá seria recebida por Salomão num palácio com pavimento de cristal. Quando a Rainha entrou, levantou os vestidos, para evitar que êles se molhassem, pois supôs que o aposento estava inundado de água. Foi por meio dêste ardil que Salomão verificou que as suas pernas não eram de cabra, como constava.

Esta lenda é assim belamente expressa por Eugénio de Castro ⁽³⁾: «Foi para a sala do norte, cujo pa-

⁽¹⁾ J. A. Pires de Lima — A Ectrodactilia na lenda (*Arq. de História da Medicina Portuguesa*, N.º 3 de 1919).

⁽²⁾ Ed. cit., XXVII, 44 e Nota 2.

⁽³⁾ *Eugenio de Castro* — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar.

vimento é de prata polida, e mandou chamar Belkiss. Assim que esta appareceu, o Rei olhou para o chão e, em vez de dois pés caprinos, de feiticeira, viu dois pés de pisar flores, espelhados no chão. . . .”

V.— *As Têmporas de Santa Luzia*— O povo do Minho acredita que, no fim do mês de Dezembro, se pode fazer um prognóstico do estado do tempo no futuro ano. As “Sortes” ou “Têmporas de Santa Luzia” tiram-se dêste modo:— Verifica-se no dia 13 de Dezembro qual o estado do tempo; assim como êle estiver, sêco, húmido ou ventoso, assim correrá o mês de Janeiro do ano seguinte. O estado meteorológico do dia 14 de Dezembro anunciará o tempo de Fevereiro, e assim por diante até ao dia 24 de Dezembro, cujo estado atmosférico indicará o mês de Dezembro do novo ano ⁽¹⁾.

Esta superstição está muito arreigada no povo do Minho. Conheço um proprietário que não se esquece de anotar todos os anos o estado do tempo nas “Têmporas de Santa Luzia”. Por sinal que no último ano agrícola sofreu uma decepção muito grande, porque, fiado no prognóstico, orientou de tal modo a sementeira do milho, que teve considerável prejuízo.

Não terá esta crença popular origem muçulmana?

Na noite de 23 para 24 de Ramadan ficará determinado tudo quanto há-de acontecer no ano seguinte ⁽²⁾: foi nessa noite, chamada de Alkad, que o Alcorão foi revelado a Maomé.

Na noite de Alkad os anjos e o Espírito (Gabriel) descem ao mundo com permissão de Deus, a fim de regular todas as coisas. Reina a paz nesta noite até ao romper da aurora.

(1) A. C. Pires de Lima — Tradições populares de Santo Tirso, 2.^a Série (*Revista Lusitana*, XX).

(2) Alcorão, ed. cit., XLIV, 2, 3 e nota 5; XCVII, 1 a 5 e Nota 4.